

instituição

Jornadas de Filosofia

A liberdade do contraditório

Entenda-se liberdade como a condição do ser que pode agir livremente, consoante as leis da sua vontade, e obtém-se um dos muitos conceitos atribuídos a esta palavra.

Olhar para as perspectivas contemporâneas do conceito de liberdade foi um dos intuitos da mais recente iniciativa do Instituto de Filosofia Prática. As jornadas decorreram nos passados dias 4 e 5 de Novembro e reuniram um conjunto de investigadores sociais de vários países. Teoria Política, Ética e Ciências da Educação foram os três grandes campos de discussão.

Uma simples palavra que pela sua infinita aplicabilidade na vivência humana ganha inúmeras interpretações. Quer se olhe para a definição mais clássica e escolástica, quer se aplique a definição do senso comum, a noção de liberdade ganha uma "libertinagem" própria e toma a face de quem a utiliza. A fazer fé nas palavras de Elena Garcia Guitián, investigadora da Universidade Autónoma de Madrid, "a preocupação individual e colectiva com a liberdade é um bem essencial ao ser humano". A ideia ganha consistência num período em que a palavra liberdade "é utilizada nos mais variados contextos e com os mais dispares significados", reitera Fernando Vallespin da UAM.

Maquiavel referia que "se alguém se preocupa só com a sua liberdade, descuidando a liberdade dos outros, a vida pública acabará por perder o seu espaço próprio". Uma referência que serviu de mote para a discussão de liberdade como factor de não dominação. Num contexto mais político, André Barata, da UBI e os dois investigadores da



Conceitos de liberdade em debate

UAM falaram "livremente" deste importante conceito. Fernando Vallespin apresentou mesmo o caso prático da política espanhola. A relação entre Zapatero e os cidadãos, os seus adversários e os cidadãos. O jogo que é feito em torno da comunicação, das principais medidas políticas e de quase tudo o que tem a ver com o processo governativo.

Uma ética de alforria

Diz-se que a liberdade de um indivíduo acaba onde começa a de outro. A antropologia cultural cuidou de repescar estes saberes milenares para as ciências sociais e daí que um debate sobre liberdade tenha de passar pela ética.

A ciência da moral foi revelada por Pedro Galvão num trabalho que fala do consequencialismo e dos limites da liberdade. Este investigador da Universidade de Lisboa abriu o debate que seria complementado por outras duas intervenções de docentes da UBI. António Bento e

Ana Leonor Santos passaram-se pelo conceito da "educação liberal" em Leo Strauss e pela aporia de Aquiles e da tartaruga.

Educar para bem agir

Passadas as teorias políticas e éticas, a iniciativa do Instituto de Filosofia Prática guardou para o final uma das melhores abordagens sobre a liberdade. A polidez e a cortesia, a instrução e o respeito ganham nobreza e razão de ser com a boa utilização da liberdade.

Maria Luísa Branco, da UBI tomou lugar junto a Michael Apple, da Universidade do Wisconsin-Madison, para falar sobre a educação cívica no contexto de uma educação democrática.

Falando sobre o seu campo de estudo, a investigadora Luísa Branco alerta para o facto da educação estar hoje "muito tecnologicizada e pouco ordenada para este tipo de assuntos". De todo o quadro de escolas que investigou, a docente da UBI aponta para um desajuste das políticas educativas em relação à cidadania e à importância que a educação tem nesta temática, na formação de uma boa liberdade, teses suportadas por Michael Apple. O investigador americano da Universidade do Wisconsin veio à UBI falar sobre educação e sobre o papel desta na liberdade e nas conhecidas "sociedades desenvolvidas".

Para Apple, a educação que sustenta a cultura de cada ser humano é o pilar da liberdade.

E.A.

ponto de vista

Recitação ou discussão?



> Helena Ferreira

A brisa constante de opiniões sobre educação faz-nos suspirar por um tornado. Um tornado de acções que pode ser desencadeado pelo simples recordar de como cada um de nós elabora o conhecimento: não somos um computador sequencial e a aprendizagem não se faz por acumulação de informações.

Nascemos curiosos e desobedientes. Só por um processo activo podemos chegar à abordagem do real, à comunicação oral e escrita, à assimilação da arte de raciocinar.

Estudantes cientificamente instruídos são aqueles que estão aptos a aprender os verdadeiros elementos de explicação para o que nos rodeia, e não apenas simples descrições, crenças pessoais ou trocadilhos de palavras com a etiqueta de teoria.

Se queremos aprender, procuramos e estudamos.

Na procura, ou encontramos respostas mais rapidamente nos apontamentos que um professor compilou e expôs numa espaço de aula, ou demoramo-nos mais a percorrer fontes nos mais variados suportes (que podem também ser alguns neurónios do professor).

No primeiro caso o professor fez o trabalho de pesquisa, pode apresentá-lo de forma brilhante com os seus dons de retórica, mas o aluno ainda não aprendeu. Em qualquer dos dois casos, falta sempre o passo principal da aprendizagem: o estudo individual.

O estudo individual passa pela compreensão e crítica das matérias, alguma memorização e aquisição de competências de aplicação dos conhecimentos. Exige esforço, método e tempo. Este é o passo significativo da aprendizagem que justifica a expressão "ensino centrado no aluno": temos que estimular e valorizar esse esforço, ajudar (alguns, muitos...) no método e dar tempo.

Pessoalmente, gosto mais do esforço do estudo quando ele é intercalado com a procura em diversas fontes e com a experimentação. Aprendo melhor quando fiz o trabalho de casa antes das sínteses magistrais dos professores. Estas servem-me para eu aferir se atingi todos os objectivos que me tinham sido claramente enunciados pelo professor, servem-me para me ajudar onde tenho que voltar a insistir.

Por vezes só me apercebo que compreendi mal determinada noção ou não tenho determinada aptidão quando a tentei aplicar, transmitir numa discussão ou fui sujeita a uma avaliação.

Os meus conhecimentos numa disciplina ficam tanto mais consolidados quanto maiores forem as relações com outras disciplinas. Mas nunca consigo fazer exercícios interdisciplinares sem um bom trabalho disciplinar. Como compreender as equações que modelizam o mundo sem conhecer os seus operadores e operandos? Como aprender Biologia sem saber Química e Física? Que sentido faz a História das ideias sem a compreensão das ideias com suficiente exactidão? Como tomar decisões políticas, económicas e sociais, sem um espírito de rigor? Claro que haverá sempre uns conjuntos de "outros conhecimentos" onde se pode saber um pouco ou muito sobre tudo, ou seja, nada.

Hoje temos de ser permanente curiosos e actualizar continuamente o saber. Ele não nasce por geração espontânea na cabeça dos professores e é essencial ensinar a fazer ciência e tecnologia: questionar, procurar, comparar, provar, experimentar e construir.

Aprende-se com envolvimento pessoal e não apenas ouvindo ou copiando exposições feitas (por vezes lidas) pelos professores.

Tal como o filósofo antigo punha em prática uma teoria, graças à qual ele visava a sabedoria, o professor moderno tem, antes de mais, de ensinar como se aprende.

Nascemos curiosos e desobedientes. Só por um processo activo podemos chegar à abordagem do real, à comunicação oral e escrita, à assimilação da arte de raciocinar.

IV Encontro Nacional de alunos de EPGI

"China afronta o mundo inteiro"

O livre acesso nos mercados ocidentais e o investimento realizado por países como a China preocupa os empresários covilhanenses.

A UBI recebeu pela quarta vez o Encontro Nacional de Estudantes de Engenharia e Gestão Industrial (ENNEGI), realizado pelo UBINEP – Núcleo de Estudantes de Engenharia da Produção e Gestão Industrial. Entre 20 e 21 de Novembro, os alunos tiveram oportunidade de debater a questão da produtividade e da competitividade em Portugal, com mais preocupação no interior.

Na ordem de trabalhos, deu-se destaque à preocupação de investimentos por parte de países como a China, no tecido empresarial e o livre acesso nos mercados ocidentais. Segundo o empresário João Carvalho, Director da Associação Empresarial da Covilhã, Belmonte e Penamacor, "A China afronta o mundo inteiro" e terá "um efeito dumping na região". Já Pedro Farromba, director executivo do Parkurbis – Parque de Ciência e Tecnologia da Covilhã, referiu a ur-

gência da implementação de novas tecnologias na indústria têxtil. Farromba referiu ainda a abertura do Parkurbis já para Julho de 2005.

"A China é uma ameaça" afirma Rui Pereira, da ASSEC, pensando no futuro da indústria, não só em Portugal, mas em toda a Europa. O responsável alertou ainda para a preocupação com o sector laneiro, que pode vir a desaparecer.

Segundo Rui Amorim, presidente do UBINEP, "as actividades planeadas para este encontro resultam dos encontros anteriores" em que se "discute o perfil de um ENNEGI". No fim da conferência, o UBINEP tinha programado uma visita de estudo ao Museu de Lanifícios da UBI e no final do dia uma "resolução de casos de estudo de dificuldade muito elevada" como refere Rui Amorim.

Outro tema em questão, foi a crise nas engenharias. Para Carlos Cabrita, que deu os parabéns ao UBINEP pela iniciativa, "há crise nas

engenharias". O docente lamentou ainda a fraca adesão por parte dos alunos de EPGI. Sobre este assunto, Rui Almeida, vice-presidente do UBINEP, explica que com "a adaptação das universidades ao processo de Bolonha e com a avaliação contínua, a realização deste tipo de eventos torna-se cada vez mais complicada". Mas, por outro lado, refere que estes encontros são importantes na medida em que "dão alguma visibilidade e credibilidade no meio empresarial."

Questionado sobre da credibilidade dada aos alunos de EPGI, pelas empresas, caso o curso encerre, Rui Amorim afirma que "a credibilidade é transportada com o aluno e o que conta é o que o aluno transporta consigo". Quanto ao encerramento do curso de EPGI, tanto o presidente como o vice-presidente do UBINEP afirmam que vão continuar a lutar. **A.I.A.**